



INSTITUTO
VOX

DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

Comentário sobre o livro
Figuras do Espaço

www.voxinstituto.com.br

Comentários sobre o livro *Figuras do Espaço*¹

Graça Del Corso

Minicurrículo da autora do livro: Figuras do Espaço

Paola Mieli é psicanalista, de origem italiana, radicada em Nova York,

Fundadora e Presidente da instituição-Associação Psicanalítica Après-Coup com sede em Nova York. (Parceira do Inst. Vox)

Professora do Departamento de Fotografia e Mídia da Escola de Artes Visuais de Nova York.

Membro do O Círculo freudiano de Paris, da Federação Europeia de Psicanálise (Strasbourg) e da Association Insistance (Paris/Bruxelas) (tb parceira do Inst. Vox).

Correspondente do Jornal Psicanalítico Che Vuoi (Paris)

Editora da revista *Insistance. Art, psychanalyse et politique* (Paris).

Autora de inúmeros artigos sobre psicanálise e cultura.

Livros Editados:

1. *Ser Humano: as extensões tecnológicas do corpo* (Co- editor, Marsilio Publishers, NY, 1999).

2. *Sobre as manipulações irreversíveis do Corpo* (Contra Capa Editora, Rio de Janeiro, 2002).

3. *Figuras do Espaço: sujeito corpo e lugar* –Editora Annablume – 2016

O livro agora em discussão, é um projeto que recobre um período de trinta anos de pesquisa e clínica em torno do tema de figuras do espaço. A escrita é clara e direta, todavia, não é uma leitura fácil, trata-se de um texto denso, sobretudo pela quantidade de conceitos psicanalíticos como também pelas questões abordadas, as quais dificilmente o leitor sairá

¹ Discussão preparatória para encontro com Paola Mieli - autora do livro: Figuras do Espaço – que ocorrerá por vídeoconferência - Data: 08 de julho/17 - Horário: das 12:00 às 13:30hs. - Local: IPESP.

incólume após realizar tal tarefa.

Nesta obra, a autora recorre aos conceitos freudianos de base e segue nas trilhas da teoria lacaniana, fazendo uma leitura da relação do homem com o espaço particular, íntimo na sua relação na cena do mundo.

Espaço/Cena/Lugar.²

I - Na cena do mundo - Elementos freudianos:

Nesse capítulo, a autora aborda os pontos básicos da teoria freudiana. Desde o conceito de Pulsão/Instinto, sexualidade, trauma e sedução, inscrição/repetição - Pantasieren/fantasia, identificação, necessidade e desejo, fading etc. Ou seja aborda separadamente cada conceito da Realidade Psíquica. (aqui citado alguns).

II - O lugar na cena: (direcionado aos conceitos lacanianos e sua abrangência no campo das artes e literatura.)

No presente capítulo, a autora trabalha cada conceito psicanalítico com ênfase na teoria lacaniana. Dentre eles podemos citar: a língua, discorre sobre relação mãe e bebê, a transmissão e incorporação da linguagem. Em seguida aborda o lugar dos objetos pulsionais, mais especificamente o olhar e a voz: Comenta sobre uma espécie de Pulsão Viatórica-citando o livro: **Freud en Italie Psychanalyse du Voyage** de Antonietta e Gerard Haddad. (p.89). Retoma o neologismo lacaniano: Amódio – Ao tecer comentários sobre o livro: *É isto um homem?* Do Primo Levi. Comentando as atrocidades vividas por ele no campo de concentração e uma discussão antropológica acerca do homem e seu caráter de humanidade. Encerra este capítulo com o trabalho da performancista Marina Abramovic – intitulado: *Imponderabilia*.

III - Lugares (Topos) em Cena -

Nesse capítulo, a autora se refere a cada ser humano que habita a cena do mundo a partir de sua própria relação com o lugar do qual se é produto e produtor. O sujeito intervém sobre a paisagem que lhe é própria e permite considerar a unicidade do ato subjetivo no contexto social, político e cultural que lhe pertence, uma vez que ao ocupar este espaço a

² **Lugar:** espaço que pode ocupar uma pessoa, uma coisa: um lugar p/ cada coisa e cada coisa em seu lugar. **Cena:** lugar onde se realiza algum fato. Tb parte do teatro, que os atores representam os seus papéis.

Espaço: é um termo que vem do latim *spatium* e admite várias acepções. A principal diz respeito à extensão que contém a matéria existente. É a parte que ocupa um objeto sensível e a capacidade de terreno ou lugar.

paisagem estará impregnada de história e verdade subjetiva que toca na questão da transmissão entre o antigo e o novo.

Da cena em cena

O primeiro caso é inspirado em **Bento Cereno- Melville** : trata-se de um conto baseado nos acontecimentos relatados em 1817. Pelo Cap. Amasa Delano sobre o salvamento muito singular de um navio espanhol. Narrativa se desenvolve a partir de dois momentos lógicos.

Céus em cenas

O segundo exemplo se inspira na leitura de um documento histórico controverso: o diário do **pintor maneirista Jacopo da Pontormo** escrito no século XVI – experiência do trabalho executado pelo autor no coro da Basílica de San Lorenzo em Florença. Tendo seu diário como testemunho não apenas da visão intelectual da época, como também das dificuldades encontradas para realizar sua obra. Sua escrita nos leva aos meandros da relação entre o corpo, astros e natureza, ilustrando o quanto o lugar compreende o reflexo recíproco entre o corpo e o mundo e o quanto este é limiar entre natureza e cultura.

O próximo e o Aberto em cena

Nesse exemplo, a autora nos mostra a cidade de Viena onde as intervenções arquitetônicas e urbanísticas na segunda metade século XIX culminaram numa nova configuração na cena da cidade, numa redefinição do lugar que reflete a passagem de uma época a outra, a abertura de uma nova visão do sujeito e da história. Após discorrer sobre essas mudanças, começa a refletir se essa nova configuração de lugar pode ter contribuído para a chegada da revolução da teoria freudiana e em que medida habitar na cidade de Viena pode influenciar o nascimento da psicanálise.

No final do seu livro ela encerra com o texto: **Pontuação sobre o Limiar**, que se refere ao trabalho do equilibrista - **Philippe Petit**.

Creio que a autora ao abordar cada conceito freudiano de base e seguindo nas trilhas dos conceitos lacanianos, tem um propósito: que é de oferecer ao leitor uma aproximação com os elementos que compõe a realidade psíquica, ou seja o espaço subjetivo do ser humano incorporado pela linguagem inserido na dimensão dos três registros Imaginário, Simbólico e Real, e sua relação com o meio a qual pertence.

É a partir daí que o ser humano munido do espaço subjetivo mediado pelo significante se lançará na relação com o mundo. Partindo das experiências mais comuns, tais como: andar, habitar, familiar e cotidianas, até as experiências mais complexas, como as artes visuais, a literatura, a dança, poesia, seja qual for sua forma de estar no mundo - ocupando um espaço- este estará mediado/atravesado pelo seu espaço subjetivo. Dessa forma, podemos dizer que há uma relação entre o espaço privado e público ou seja, faces da mesma moeda.

Achei muito interessante a forma como ela foi tecendo seu trabalho, partindo do espaço subjetivo ao lugar na cena do mundo –abordando os conceitos psicanalíticos separadamente e em outros momentos, os demais são abordados no contexto artístico e seus autores.

Entretanto, o que mais me chamou atenção foram dois desses artistas que embora apresentem obras tão diferentes, mas na essência é possível encontrarmos algumas semelhanças: Marina Abramovic e Phillipe Petit, que com a sua arte ocupam um espaço no mundo de forma radical, intensa. Uma vez que é no próprio corpo que encenam sua arte.

A primeira, a **performancista: Marina Abramovic**, citada no livro em uma de suas inúmeras performances- com título de: **Imponderabilia** –Realizada pela 1ª vez em 1977 na Galeria Comunale d'arte moderna de Bolonha-Itália.

Artista sérvia Marina Abramovic, é uma das pioneiras da performance art, revela em entrevista, que é muito importante que um artista demonstre sua vulnerabilidade e contradição: "Artistas tendem a ter um grande ego e apresentar ao público somente seu melhor lado. No meu caso, mostro coisas das quais tenho vergonha".

Em seu trabalho, a Performance Art³ se insere e tem o mérito de realçar a natureza dialética do lugar: Ela rompe com a tradição da representação contemplativa da obra, ao colocar na situação o corpo e ação do artista, não como ator ou intérprete de um papel pré-estabelecido, mas como pura presença em ato, na imprevisibilidade das circunstâncias uma vez que ela se expõe, fazendo da obra o resultado de seu encontro. É um trabalho que nos causa um certo impacto. Sobretudo, porque estamos acostumados a ver artistas que

³ É um gênero artístico, desenvolvido desde os anos sessenta, que resulta da fusão de expressões como o teatro, o cinema, a dança, a poesia, a música e as artes plásticas. ... O movimento artístico Fluxus, criado em 1961, teve um papel fundamental na divulgação e desenvolvimento desta forma de expressão. De acordo com a definição do Dicionário Aulete, **performance** significa “desempenho em uma exibição” ou “evento geralmente improvisado em que o(s) artista(s) se apresenta(m) por conta própria”. Originada do idioma francês antigo, a palavra performance vem de accomplir – parformer, que significa concluir, conseguir, cumprir ou fazer.

desempenham de forma exemplar sua arte, mas, sempre há um distanciamento entre eles e suas produções, como uma forma de proteção.

Mas, nesse tipo arte, o espectador é provocado a sair do lugar comum. Pelos relatos de pessoas que participaram de sua arte ficaram impactados pelo que viram e sentiram. Pois é um tipo de arte que causa um certo desconforto a quem assiste, uma vez que essas produções convocam os visitantes a experimentarem uma mistura de sentimentos desde o embaraço ao pudor, passando pelo mal-estar e irritação, mas uma coisa é certa: nenhum visitante sairá incólume dessa experiência. Cada um fará parte da performance.

É um tipo de manifestação que inclui a linguagem escrita no corpo e trás essa dimensão crua do corpo que vai em busca de alguma coisa mas tomba com o concreto. Porque no senso comum achamos que o limite é algo que a gente põe, mas o limite ele é concreto. Na sua performance, ela encena duas coisas: O que é possível e o impossível de significação. Como nos diz Weill⁴: *Mas seja como for, o projeto que insiste é sempre este, o de dizer o impossível de dizer.*

O segundo artista que destacarei é o trabalho do equilibrista **Phillipe Petit** citado por ela, na última parte do livro, sob o título: **Pontuação sobre o limiar**

Autor de várias performances, sendo a mais inusitada foi realizada aos 24 anos, ao caminhar sobre um fio de aço estendido entre as torres do World Tower Center/New York, a 412 metros do solo em 07 de agosto de 1974, causando todo tipo de sentimento aos expectadores. Seu nome foi manchete de jornais do mundo inteiro e ao término da sua performance, seu ato foi considerado insano e ilegal pela polícia, e conduzido ao hospital psiquiátrico p/ exame de sanidade mental.

Para o equilibrista a transgressão é um elemento estrutural na sua relação com a arte, ao realizar o impensável. E se pergunta em que medida a arte/criação ao realizar o inimaginável não implicaria necessariamente a transgressão de um limite?

É muito impactante, observar que o artista ao se entregar de corpo e alma apaixonadamente num equilíbrio subliminar na relação com o vazio. Mas um vazio, que tem contorno, tem uma linha. Ele acredita no vazio. Enquanto para nós o vazio causa medo, vertigem, para o artista é este próprio encontro com o Real que faz parte de sua performance.

⁴ Weill D-A. Nota azul: Freud, Lacan e a Arte. 2a. ed. Ed. Contra Capa, RJ.2014, p.74

Dessa forma, o Real como aquilo que escapa ao sentido mas que nos habita e que pertence a paisagem da qual somos convidados e hóspedes, é o elemento que retorna ao longo das páginas desse livro. O fio condutor furtivo das diferentes figuras do espaço aqui traçadas, como o próprio fio de aço utilizado pelo equilibrista. O que presenciamos aqui não se trata de apaziguamento do Real, sobretudo porque este não se deixa apaziguar. O Real está ali, ele é parte da tessitura do *falasser* sempre presente e que não cessa de retornar. A ideia é de fazer alguma coisa com o Real. Não podemos esquecer que os artistas moram em outro registro.

Ao chegar na leitura desse capítulo, fui convocada a assistir mais uma vez o documentário sobre este artista: O Equilibrista. Onde é possível acompanhá-lo desde o planejamento até a execução de sua performance, testemunhando suas angústias mas também sua força. No final do documentário ele nos diz: A vida deve ser vivida perigosamente. É preciso exercitar a rebeldia - Ele brinca com a morte, desafia a lei, e por isso mesmo ele não a ignora, tem um cálculo. Tem todo um preparo. É um tipo de arte que causa.

Retomando o livro, a autora nos lembra da extraordinária proeza de P. Petit que faz pensar no entusiasmo. O estado de exaltação que deriva da loucura divina, condição necessária para criação da arte. Alma da criação poética, segundo Platão que permite ultrapassar os limites da técnica e do entendimento para alcançar o lirismo autêntico.

Vale ressaltar que a partir do seminário, livro *07 a ética da psicanálise (1959-1960)*, Lacan nos fala disso: define a sublimação como sendo: *o objeto elevado à dignidade da coisa. Das Ding*, mais adiante ele nos diz: *toda arte se caracteriza por um certo modo de organização em torno desse vazio*. Em Nota italiana (1973)⁵ Lacan dá ao entusiasmo um lugar importante no final de análise e nos diz: *sem entusiasmo não há analista*. Dessa forma, o analista é aquele que é capaz de suportar esse vazio, ao final de uma análise, em que ele possa se entusiasmar com a vida, onde o gozo possa ser amigo do desejo.

Retomando ao P. Petit, em seu livro *Creativity the perfect crime* publicado após a travessia, ele comenta que sua arte está atrelada ao que é ilegal e diz: que o criador precisa está fora da lei - não um fora da lei criminosa, mas como um poeta que cultiva a rebelião intelectual. E diz mais adiante: *“que o equilibrista das alturas é um ato supremo: a travessia aérea não rouba nada de ninguém, ela apenas oferece um efêmero presente que inspira”*.

Certamente, nós psicanalistas temos muito que aprender com os artistas e com os poetas como nos disse reincidentemente Freud e Lacan. Mas, Lacan foi mais além ao definir

⁵ Lacan, J. Nota italiana In.: Outros escritos, Ed.J.Zahar, RJ.,2003, p.313

os analistas como um *poeta*. Pois na verdade o analista é um *poeta do ato*, porque é no ato que ele se deixa tomar pelo registro do Real, revelando algo, que ele próprio não sabia. Por isso mesmo temos muito a aprender com os artistas aqui citados, e também com a autora Paola Mieli que através de sua forma original de escrita, cria o novo, o que não deixa de ser uma arte, e esta passa a ocupar um espaço “analítico” um lugar na cena do mundo!